



---

TRADUÇÃO - TRANSLATION

---

Vida e trabalho de Averróis

Gionatan Carlos Pacheco<sup>1</sup>

Departamento de Filosofia - Universidade de Santa Maria  
[bruno.mamede@usp.br](mailto:bruno.mamede@usp.br)

Como citar este artigo: PACHECO G. C.. “Vida e trabalho de Averróis”, *Intelligere, Revista de História Intelectual*, n.º9, pp. 252-269. 2020. Disponível em <<http://revistas.usp.br/revistaintelligere>>. Acesso em dd/mm/aaaa.

*Breve nota introdutória do tradutor.*

Joseph Ernest Renan (1823-1892), mais conhecido como Ernest Renan, ou apenas Renan, possui uma vasta obra de ampla influência. Esse excerto aqui traduzido é um recorde que inclui as primeiras páginas de sua tese de doutorado (seções I e II, Cap. I) sobre *Averróis e o averroísmo*, apresentada e publicada no ano de 1852. O livro compreende dois capítulos, o primeiro de título *Vida e obra de Averróis*, e o segundo e último de título *Doutrina de Averróis*. As duas seções aqui traduzidas compõem o primeiro capítulo que é formado de nove seções. Com efeito, elas apresentam um rápido contexto histórico (I) e uma biografia e análise das biografias de Averróis então disponíveis (II). A grande quantidade de notas de rodapé é assim justificada, de modo que não adicionamos notas de tradução nas páginas que se seguem, nos limitando a traduzi-las, salvo quando se trata de referências estritas a outras obras, permanecendo estas no vernáculo original. Além disso, salientamos que nas notas em que Renan refere-se aos apêndices, ou aos capítulos subsequentes, o autor se refere ao própria seu próprio livro, facilmente localizável, pelo motivo de estar em domínio público. Segue a referência completa e o endereço eletrônico no qual a obra pode ser encontrada.

RENAN, E. *Averroes et l'averroisme*. Paris: Calmann Lévy, 1882.  
(<https://archive.org/details/averrosetlaver00renauoft/>, acesso em 16/12/2019).

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria. Possui graduação em Filosofia (2012-2016) e mestrado (2017-2019) pela Universidade Federal de Maria.

## Vida e trabalho de Averróis (I e II)

### I. *Um golpe de vista sobre os diversos sucessos da filosofia na Espanha árabe antes de Averróis*

A vida de Averróis ocupa quase toda a duração do século XII e se liga a todos os eventos dessa época decisiva na história da civilização muçulmana. O século XII definitivamente viu a tentativa fracassada dos abássidas do oriente e os omíadas da Espanha de criarem dentro do islamismo um desenvolvimento racional e científico. Quando Averróis morreu em 1198, a filosofia árabe perdeu nele seu último representante, e o triunfo do Alcorão sobre o pensamento livre foi assegurado por ao menos seiscentos anos.

Pelos infortúnios de sua vida e pela reputação que manteve mesmo após a morte, Averróis participou dos inconvenientes e benefícios de tal situação. Vindo depois de uma época de grande cultura intelectual, no momento em que as bases dessa cultura estavam desabando sobre ela mesma, se os infortúnios de sua velhice atestam o descrédito no qual a causa que ele defendia havia caído, por uma feliz compensação, ele recebeu quase sozinho todo o crédito dos trabalhos que ela realizou. Averróis é uma espécie de Boécio da filosofia árabe, uma das últimas expressões dela, compensando pela natureza enciclopédica de suas obras, o que lhes falta em originalidade, discutindo, comentando, porque era tarde demais para criar. O último apoio, em uma palavra, de uma civilização em colapso. Mas, por uma fortuna inesperada, vendo seu nome ligado aos escombros da cultura que ele resumiu, seus escritos se tornaram a fórmula abreviada pela qual essa cultura entra, por sua vez, na obra universal do espírito humano.

A filosofia árabe-espanhola contava apenas dois séculos de existência quando, de repente, foi arrasada pelo fanatismo religioso, convulsões políticas e invasões estrangeiras. O califa Aláqueme II, no século X, teve a glória de abrir essa brilhante série de estudos que, pela influência que exerceu na Europa cristã, ocupa um lugar tão importante na história da civilização. A Andaluzia, dizem os historiadores muçulmanos, tornou-se sob seu reinado um grande mercado, para onde as produções literárias das diferentes regiões eram

imediatamente importadas<sup>2</sup>. Os livros compostos na Pérsia e na Síria eram frequentemente conhecidos na Espanha antes de chegarem ao Oriente. Aláqueme enviou mil dinares de ouro puro a Abul-Faraj [Abul-faradj el-Isfahani] para possuir a primeira cópia de sua célebre *Antologia*. E, com efeito, este belo trabalho foi lido na Andaluzia antes de ser encontrado no Iraque. Ele manteve no Cairo, Bagdá, Damasco e Alexandria, agentes responsáveis por adquirir para ele, a qualquer custo, os trabalhos da ciência antiga e contemporânea. Seu palácio tornou-se um ateliê onde se encontravam apenas copistas, encadernadores, gravuristas. Somente o catálogo de sua biblioteca formava quarenta e quatro volumes<sup>3</sup>, e isso contendo apenas os títulos de cada livro. Alguns escritores dizem que o número de volumes somava quatrocentos mil e que, para transportá-los de uma sala para outra, levou não menos que seis meses. Além disso, Aláqueme era profundamente versado na ciência da genealogia e da biografia. Não havia livro que ele não lesse; depois, ele escreveu em folhas soltas o nome, o apelido, o nome patronímico do autor, sua tribo, sua família, o ano de seu nascimento e morte e as histórias contadas por ele. Ele passava seu tempo conversando com os estudiosos, de todas as partes do mundo muçulmano, que compareciam à sua corte.

Os árabes da Andaluzia, mesmo antes de Aláqueme, sentiam-se inclinados para os estudos liberais, seja pela influência desse belo clima, seja por sua contínua relação com judeus e cristãos. Os esforços de Aláqueme, apoiados por tais condições favoráveis, desenvolveram um dos mais brilhantes movimentos literários da idade média. O gosto pela ciência e pelas coisas belas havia estabelecido no século X, neste canto privilegiado do mundo, uma tolerância que os tempos modernos dificilmente podem dar um exemplo. Cristãos, judeus, muçulmanos falavam a mesma língua, cantavam os mesmos poemas, participavam dos mesmos estudos literários e científicos. Todas as barreiras que separavam os homens haviam caído; todos trabalhavam de comum acordo na obra da civilização universal. As mesquitas de Córdoba,

---

<sup>2</sup> Pascual de Gayangos, *The History of the Mohammedan Dynasties in Spain, from the text of Al-Makkari* (London, 1840), t. I, append. p. XL e seg. t. II, p. 168 e segg. — Casiri, *Bibl. arab. hisp.* t. II, p. 37-38 e 201-202. — Middeldorpf, *Comment, de institutis litterariis in Hispania quæ Arabes auctores habuerunt* (Göttingae, 1810), p. 11, 59. — Quatremère, *Mem. sur le goût des livres chez les Orientaux*, p. 41. — Ibn-Abi-Oceibia, em la vie d'Ibn-Bâdja (Bibl. imp. suppl. ar. 673, fol. 195).

<sup>3</sup> V. Ibn-el-Abbar, em Dozy, *Notices sur quelques manuscrits arabes*, p. 103, 1. 16-17; — Makkari (ed. Dozy, Wright, etc.) t. I, p. 256.

onde os estudantes eram milhares, tornaram-se centros ativos de estudos filosóficos e científicos.

Mas a causa fatal, que sufocou entre os muçulmanos as mais belas sementes do desenvolvimento intelectual, o fanatismo religioso, preparou a ruína da obra de Aláqueme. Os teólogos do oriente levantaram sérias dúvidas sobre a sanidade do califa Almamune, porque ele teria perturbado a fé muçulmana com a introdução da filosofia grega<sup>4</sup>. Os conservadores da Espanha não foram menos severos. O hájibe Almançor, tendo usurpado o poder sobre o temerário Hixam, filho de Aláqueme, percebeu que tudo seria perdoado se ele satisfizesse a antipatia instintiva dos imãs e do povo contra os estudos racionais. Ele, portanto, procurou na biblioteca coletada tão avidamente por Aláqueme os trabalhos que tratavam de filosofia, astronomia e outras ciências cultivadas pelos antigos. Todos foram queimados nas praças públicas de Córdoba ou jogados nos poços e cisternas do palácio. Apenas livros de teologia, gramática e medicina foram salvos. Segundo o historiador Saíde de Toledo<sup>5</sup>, “essa ação de Almançor, foi atribuída pelos cronistas da época, ao desejo de ganhar popularidade entre a multidão e de encontrar menos oposição, jogando uma espécie de estigma na memória do califa Aláqueme, do qual ele procurou usurpar o trono”. Vê-se de fato como os filósofos eram impopulares na Andaluzia. O povo nunca amou o sábio; os tolera ainda mais dificilmente quando a aristocracia da razão é aquela de nascença e de fortuna. A partir do édito de Almançor, a filosofia teve apenas breves intervalos de liberdade e foi objeto de perseguição aberta em várias ocasiões. Aqueles que se dedicaram a ela foram declarados ímpios pelos líderes legislativos, e os estudiosos foram mais de uma vez obrigados a esconder seu conhecimento, mesmo de seus amigos mais íntimos, para que não fossem denunciados e condenados como hereges.

Os levantes da Espanha muçulmana foram o palco onde, no século XI, se alcançou o comprometimento completo da obra civilizadora dos omíadas. Córdoba, o centro dos altos estudos, foi saqueada, o palácio dos califas

---

<sup>4</sup> Os infortúnios que lhe acometeram foram considerados um castigo por seu apego à filosofia (Abulféda, *Annales Moslem*. II, 148, 150).

<sup>5</sup> Gayangos, t. I, apênd. p. xl e segg.

derrubado, as coleções destruídas. Os restos da biblioteca de Aláqueme foram vendidos a preços vis e dispersos por todo o país. Saíde disse que viu vários volumes em Toledo e confessa que o que eles continham os fariam queimar, se as pesquisas feitas por Almançor tivessem sido conduzidas com tanta inteligência, quanto paixão.

A filosofia, no entanto, tinha raízes tão profundas neste belo país que todos os esforços feitos para destruí-la serviram apenas para revivê-la. Saíde<sup>6</sup> nos afirma que, em seu tempo (1068), os estudos das ciências antigas estavam mais florescentes do que nunca, embora alguns reis ainda não gostassem destes e que a obrigação de partir todos os anos para a guerra santa era deveras prejudicial às meditações dos filósofos. Alguns príncipes eram até favoráveis ao pensamento livre ou pelo menos tolerantes. A experiência demonstrou que a filosofia não precisa de proteção nem de favor: não pede permissão a ninguém e não recebe ordens de ninguém. É o mais espontâneo de todos os produtos da consciência humana. A idade de ouro do reinado de Aláqueme não deixou na história nenhum nome ilustre; Assediados pelo fanatismo, Avempace [Ibn-Bâbja], Abubacer [Ibn-Tofail], Avenzoar [Ibn-Zohr], Averróis, pelo contrário, viram seus nomes e suas obras entrarem na corrente da vida européia, ou ainda, na verdadeira vida da humanidade.

## II. *Biografia de Averróis*

As fontes para a biografia de Averróis<sup>7</sup> são;

1º breve registro de Ibne Alabar [Ibn-el-Abbar] em seu *Suplemento* ao Dicionário Biográfico de Ibn Baschkoual<sup>8</sup>; 2º um artigo extenso, porém mutilado, desde o início, em um Suplemento aos Dicionários de Ibn-Baschkoual e Ibne Alabar, cujo autor é Abu-Abdallah Mohammed, filho de

---

<sup>6</sup> Gayangos, *op. cit.*, p. xli e seg. — Dozy me disse que o manuscrito de Leyde, n° 159, fol. 297 (2), oferece um sentido diverso; mas o manuscrito de Schefer (p. 93) confirma uma parte da tradução de Gayangos.

<sup>7</sup> O nome latino de *Averróis* foi formado de *Ibn-Roschd* pelo efeito da pronúncia espanhola, onde *Ibn* se torna *Aben* ou *Aven*. Poucos nomes passaram por transcrições tão variadas: *Ibin-Rosdin*, *Filius Rosadis*, *Ibn-Rusid*, *Ben-Raxid*, *Ibn-Ruschod*, *Ben-Resched*, *Aben-Rassad*, *Aben-Rois*, *Aben-Rasd*, *Aben-Rust*, *Avenrosd*, *Avenryz*, *Adveroy*, *Benroist*, *Avenroyth*, *Averroysta*, etc. Os nomes de Averróis forneceram outras variantes: *Abulguail*, *Aboolit*, *Alulidus*, *Ablult*, *Aboloys*. À frente do *Colliget*, lê-se: *Membucius* (ou *Mabuntius*, ou *Mauunitius*), *qui latino dicitur Averroy* (anc. fonds., 6949 e 7052; Arsenal, sc. et. arts, 61), provavelmente pela alteração do nome de Mohammed. De fato, Hildebert, em seu poema sobre Maomé, chama esse falso profeta de *Mamutius*.

<sup>8</sup> Manuscrito da Sociedade Asiática, p. 51 e segs. Veja o Apêndice I.

Abu-Abdallah Mahommed, filho de Abd-el-Melik el-Ansâri, do Marrocos<sup>9</sup>; 3º registro de Ibn-Abi-Oceibia em seu *História dos médicos*<sup>10</sup>; 4º o artigo que Al-Dhahabi [Dhéhébi] dedicou ao nosso filósofo e a seu perseguidor, Iacoub Almançor, em seu *Annales*<sup>11</sup>, na data do ano 595 de hégira [aproximadamente 1217 d.C.]; 5º o artigo de Leão o Africano, em seu livro *Homens ilustres entre os árabes*<sup>12</sup>; 6º algumas passagens dos historiadores da Espanha muçulmana, e especialmente de Abd-el-Wahid el-Marrékoschi<sup>13</sup>; 7º as indicações extraídas de seus próprios escritos<sup>14</sup>.

De todos os biógrafos de Averróis, Ibne Alabar e El-Ansâri parecem ser os mais bem informados. Eles mantinham suas informações como pessoas que conheceram intimamente o filósofo de Córdoba. Ainda que seja de uma geração posterior a Averróis, Abd-el-Wahid também merece toda a confiança. Os detalhes precisos que ele fornece sobre Avenzoar, Avempace e Abubacer, cujos escritos assinados ele viu e cujo filho ele conhecia, atestam que ele vivia na sociedade filosófica de sua época. Ibn-Abi-Oceibia escreveu cerca de quarenta anos após a morte de Averróis, e ele coletou suas informações do kadhi Abu-Merwan al-Badji, que parece ter conhecido pessoalmente o Comentador. Al-Dhahabi fez pouco mais do que copiar aqueles que o haviam precedido. Quanto a Leão, o Africano, sua autoridade é de pouco valor. Embora cite em cada página autores árabes e, em particular, o biógrafo Ibne Alabar<sup>15</sup>, Leão frequentemente compunha de maneira muito leve. Além disso, a

---

<sup>9</sup> Manuscrito da Bibl. imp. (Supl. Árabe, 682), fol. 7 e seg. Este volume contém apenas a biografia dos personagens que levavam o nome de Mohammed. As primeiras páginas da vida de Ibn-Roschd desapareceram, e devo dizer que este artigo, privado de título e transposto para fora de sua posição alfabética, provavelmente teria me escapado, se Munk, que fez um exame especial deste manuscrito, não tivesse me indicado. Veja o apêndice II.

<sup>10</sup> Manuscrito da Bibl. imp. (supl., ar, 673), f. 201 vº e segg. Veja o apêndice III. Pascual de Gayangos publicou uma tradução bastante criticável deste artigo nos apêndices de t. I de sua tradução de Makkari.

<sup>11</sup> Ms. arabe de la Bibl. imp. (anc. fonds, 753), fol. 802 e segg., fol. 87 e segs. Veja o apêndice IV.

<sup>12</sup> Publicado pela primeira vez em latim por Hottinger, em seu *Bibliothecarium quadripartitum*, p. 246 e segg. (Tiguri, 1664), depois uma cópia de Florença; uma segunda vez por Fabricius, *Bibl. graeca*, t. XIII, p. 259 e segg. (1ª ed).

<sup>13</sup> Texto árabe, publicado por Reinhart Dozy (Leyde, 1847).

<sup>14</sup> Devo advertir, de uma vez por todas, que as citações das obras de Averróis, quando a edição não está indicada, se referem às de 1560, *apud Cominum de Tridino*, exceto a Física e o tratado da Alma, onde acompanhei a edição da Juntas de 1553.

<sup>15</sup> As passagens que Leão atribui a Ibne Alabar não são encontradas na nota que este autor dedicou a Averróis em seu *Suplemento*. Talvez Leão tenha sido enganado por algum título impreciso.

tradução para o latim que resta de nosso livro é tão bárbara que muitas vezes precisamos renunciar ao significado.

As anedotas sobre Averróis, recontadas na Idade Média e no renascimento, são ainda menos históricas; eles testemunham nada além da opinião do comentarista e são de interesse apenas para a história do averroísmo. No entanto, essas histórias formaram toda a biografia de Averróis até meados do século XVII. Desde a publicação do panfleto de Leon em 1664, o artigo que ele dedicou a Averróis foi reproduzido com credulidade e sem críticas por Moréri, Bartolucci, Bayle, Antonio, Brucker, Sprengel, Amoreux, Middeldorpf, Amable Jourdain. O artigo de Ibn-Abi-Oceibia, embora conhecido por Pococke, Reiske, de Rossi, só foi realmente utilizado nos últimos anos pela MM. Wüstenfeld<sup>16</sup>, Lebrecht<sup>17</sup>, Wenrich<sup>18</sup>, e finalmente por M. Munk, no excelente artigo que ele fez sobre Averróis, no *Dictionnaire des sciences philosophiques*, que ele desde então reproduziu com consideráveis acréscimos em suas *Mélanges de philosophie juive et arabe* (1859).

O kadhi Abulwalid Mohammed Ibn-Ahmed Ibn-Mohammed Ibn-Roschd (Averróis) nasceu em Córdoba no ano de 1126 (520 da hégira). Ibne Alabar e El-Ansâri concordam com esta data. Abd-el-Wahid atesta que ele tinha quase oitenta anos quando morreu em 595 (1198). Em seu comentário sobre o livro II *Sobre o Céu*<sup>19</sup>, ele próprio cita um fato do ano de 1138 que havia testemunhado. — As memórias de Córdoba são encontradas em vários lugares de seus escritos. Em seu *Comentário sobre a República*, quando Platão quer que os gregos sejam o povo privilegiado da cultura intelectual, o comentarista reivindica a favor de sua Andaluzia<sup>20</sup>. No *Colliget* (1. II, cap. XXII), ele argumenta contra Galien que o mais bonito dos climas é o quinto, onde Córdoba está situada. Uma anedota da corte de Almançor que nos foi

---

<sup>16</sup> *Geschichte der arabischen Aerzte und Naturforscher* (Goettingen, 1840), p. 104-108.

<sup>17</sup> *Magazin für die Literatur des Auslandes*. Berlin, 1842, n° 79, 83, 95.

<sup>18</sup> *De auctorum graecorum versionibus et commentariis syriacis, arabicis, etc.* (Lipsiae, 1842), p. 166 segg.

<sup>19</sup> Fol. 176 v° (ed. 1560).

<sup>20</sup> Fol. 496. Seu julgamento a França seria muito menos favorável, se mantivermos a tradução latina. Son jugement sur la France serait beaucoup moins favorable, si l'on s'en tenait à la traduction latine. *Concedimus aliam nationem ad aliud virtutum genus melius a natura esse paratam, ut in Graecis facultas sciendi multo proestantior, in Gallis aliisque hujusmodi gentibus IRACUNDIA*. Mas é provável que a nuance das últimas palavras tenha sido mal interpretada pelo tradutor.

preservada<sup>21</sup> nos faz assistir a uma discussão que ocorreu na presença deste príncipe, entre Averróis e Abou-Bekr Avenzoar, de Sevilha, sobre a preeminência de suas respectivas pátrias “Se um erudito morre em Sevilha”, disse Averróis, “e se quer vender seus livros, são levados para Córdoba, onde há uma demanda segura; se, pelo contrário, um músico morre em Córdoba, se vai a Sevilha vender seus instrumentos”.

A família de Averróis era uma das mais importantes da Andaluzia e gozava de grande estima na magistratura. Seu avô, nomeado como ele Aboulwalid Mohammed e, como ele, kadhi de Córdoba, era entre os muçulmanos um famoso jurisconsulto do rito maliquio. Nossa *Biblioteca Imperial* (supl., ar. 398<sup>22</sup>) possui uma coleção volumosa de suas consultas, organizada por Ibn-al-Warrân, chefe de oração na grande mesquita de Córdoba. Todas as cidades da Espanha e do Magrebe, os próprios príncipes almorávidas, estão entre os que usaram as luzes dos eruditos kadhis. A filosofia, em suas relações com a teologia, possuía seu lugar<sup>23</sup>, e acredita-se que muitas páginas deste curioso livro toquem as origens do pensamento do comentarista<sup>24</sup>. Em várias ocasiões, Averróis, o avô, desempenhou um papel político importante. Após uma revolta, ele foi ordenado a levar a apresentação das províncias espanholas aos soberanos de Marrocos<sup>25</sup>. Sendo os cristãos da Andaluzia favoráveis a invasão de Alfonso, o Batalhador, sobre o território muçulmano, que passou novamente (31 de março de 1126) no Marrocos, expondo o sultão a uma situação perigosa criada por esses inimigos domésticos do país, e foi de acordo com seu conselho, que milhares de cristãos foram transportados para Sale e para as costas bárbaras<sup>26</sup>. Seu filho (nascido em 1094, morto em 1168), que era

---

<sup>21</sup> Makkari, I, 98 (ed. Dozy, Wright, etc.); — Gayangos, 1, p. 42; — *Quatremère, Mém. sur le goût des livres parmi les Orientaux*, p. 40.

<sup>22</sup> Este manuscrito, proveniente da abadia de Saint-Victor, teve que ser trazido para a França no século XIV ou XV. Possui a antiga encadernação de Saint-Victor e aparece em um catálogo dessa abadia por volta de 1500 (Saint-Victor, nº 1122).

<sup>23</sup> Fol. 66, 83.

<sup>24</sup> No entanto, ele não pode conhecer seu ancestral, que morreu em 28 de novembro de 1126, como evidenciado por uma nota do manuscrito acima mencionado (*fol. ult.*) E outra nota da ms. supl. ar. nº 742, t. III, fol. 100 ver a margem.

<sup>25</sup> Leon Afr. apud Fabr. t. XIII, p. 282.

<sup>26</sup> Dozy, *Recherches sur l'histoire et la littérature de l'Espagne pendant le Moyen Age* (2 ed. Leyde, 1860), t. 1, p. 357 e segg. — Gayangos, t. II, p. 306-307. — Conde, III parte, cap. XXIX. — Na data de 1148, encontro outro Ibn-Roschd misturado com os assuntos da África (*Journal asiatique*, abril-mai 1853, p. 385).

o pai do nosso filósofo, também ocupou funções de kadhi de Córdoba<sup>27</sup>. Por um desses caprichos da fama, dos quais temos mais de um exemplo, esse Averróis, cujo nome quase alcança, nos latinos, a celebridade de Aristóteles, distingue-se entre os árabes de seus ilustres antecessores pelo epíteto de *el-hafid* (o neto).

Como seu pai e avô, Abulwalid Averróis estudou teologia pela primeira vez, de acordo com os Ascharites, e direito canônico de acordo com o rito de malique. Seus biógrafos exaltam quase tanto seu conhecimento em jurisprudência quanto em medicina e filosofia. Ibne Alabar, em particular, atribui muito mais importância a esta parte de sua obra do que aos escritos aristotélicos que o tornaram tão famoso, e Ibn-Saíde coloca-o na vanguarda dos canonistas da Andaluzia<sup>28</sup>. Ele tinha como mestre em jurisprudência os faquires mais doutos da época<sup>29</sup> e em medicina Abu-Djafar Haroun de Truxillo, de quem Ibn-Abi-Oceibia fez uma biografia. É impossível, ainda que tenha sido dito pelo mesmo biógrafo, que tenha recebido as lições de Avempace, que morreu o mais tardar em 1138, embora a semelhança de doutrina e o profundo respeito com que ele fala desse grande homem permitam, em um sentido geral, considerá-lo seu aluno. Averróis vivia assim na sociedade de todos os homens ilustres de sua época. Pela sua filosofia, ele se reporta diretamente a Avempace; Abubacer foi o arquiteto de sua fortuna, como diremos em breve. Ao longo de sua vida, ele se encontrou nas relações mais íntimas com a grande família de Avenzoar, que, por si só, resume todo o desenvolvimento científico da Espanha muçulmana no século XII: ele tinha como colega Abu Bekr Avenzoar, o jovem médico do rei, e a amizade que nutria com Abu-Merwan Avenzoar, autor do *Teisir*, era tão estreita que, quando Averróis escreveu seu *Culliyýáth* (generalidades, ou tratado sobre a *totalidade* do corpo humano), ele desejava que seu amigo escrevesse um tratado sobre as partes, para que seus trabalhos reunidos formassem um curso completo de medicina<sup>30</sup>. Finalmente, ele entrou em contato com o teosofista Ibn-Arabi, que,

---

<sup>27</sup> Munk, *Mélanges*, p. 419.

<sup>28</sup> Makkari, II, 122 (ed. Dozy, etc.).

<sup>29</sup> Ibn-el-Abbar (V. Apêndice I).

<sup>30</sup> É o próprio Averróis que nos revela esse fato no epílogo do *Colliget*, epílogo mutilado nas traduções latinas, mas inteiramente preservado por Ibn-Abi-Oceibia (ver apêndice III) e nas

no entanto, não encontrou nele um adepto. Averróis, então um kadhi em Córdoba, tendo lhe pedido para compartilhar os segredos de seu conhecimento, Ibn-Arabi desviou, ensejando uma visão divina, de revelá-los a ele<sup>31</sup>.

A carreira pública de Averróis não foi sem brilho. O fanatismo, que era a alma da revolução almorávida, foi contido por um momento pelos gostos liberais de Abd-el-Moumen e de Iousouf. Ao atribuir a queda dos almorávidas à destruição de livros que eles haviam ordenado: Abd-el-Moumen defendia rigorosamente esses atos de barbárie<sup>32</sup>. Os filósofos da época, Avenzoar, Avempace, Abubacer e Averróis, eram a favor de sua corte. No ano 548 da hégira (1153), encontramos Averróis no Marrocos, talvez ocupado em apoiar as opiniões de Abd-el-Moumen na fundação das faculdades que ele ergueu no momento, e não negligenciando, por esse motivo, suas observações astronômicas<sup>33</sup>. Iousouf, sucessor de Abd-el-Moumen, foi o príncipe mais alfabetizado de seu tempo. Abubacer obteve uma influência muito grande em sua corte e se aproveitou dela para atrair os homens instruídos de todos os países. Foi a Abubacer que Averróis deveu a honra de ter parte dos favores do emir. O historiador Abd-el-Wahid havia coletado, da própria boca de um dos discípulos de Averróis, a história de sua primeira apresentação, tal como o comentador costumava o relatar<sup>34</sup>.

“Quando entrei na casa do emir dos fiéis”, disse ele, “encontrei-o sozinho com Abubacer. Ele começou a me elogiar, a louvar minha nobreza e a tradicionalidade de minha família. Ele acrescentou, pelo efeito de sua bondade comigo, um elogio que eu estava longe de merecer. Depois de perguntar meu nome, o de meu pai e de minha família, o emir abriu a conversação: ‘Qual é a opinião dos filósofos sobre o céu? Que seja uma substância eterna, ou que possua um começo?’ Fui tomado de medo e paralisei; procurei um pretexto

---

traduções hebraicas. Cf. Steinschneider, *Catal. Codd. hebr. Acad. Lugd. Bat.*. Lugd. Bat. p. 312, nota.

<sup>31</sup> Fleischer, *Catal. Codd. arab. Lips.* p. 492.

<sup>32</sup> *Journal asiat.* fev. 1848, p. 196.

<sup>33</sup> *Comment, de Caelo*, f. 176. — Munk, *op. cit.* p.420-421 — Conde, III pt, cap. XLIII. — Leão o Africano, em sua *Histoire de l'Afrique*, 1. II, p. 60, atribui a fundação de suas instituições à Yakoub Almançor.

<sup>34</sup> Ed. Dozy, p. 174-175. — Cf. Léon l'Africain, art. d'Ibn-Tofaïl, p. 280. — Munk, *op. cit.* p. 411, 421-422.

para me escusar a responder e neguei ter me ocupado com a filosofia; pois eu não sabia que Abubacer e ele combinaram em me pôr à prova. O emir dos fiéis entendeu minha confusão, virou-se para Abubacer e começou a falar sobre a pergunta que ele havia feito para mim. Ele relatou tudo o que Aristóteles, Platão e os outros filósofos disseram sobre esse assunto, e expôs ainda os argumentos dos teólogos muçulmanos contra os filósofos. Notei nele um poder de memória que eu não suspeitaria nem mesmo entre os cientistas que lidam com esses assuntos e dedicam integralmente o seu tempo a eles. O emir, no entanto, soube como me tranquilizar, e me levou a falar, por minha vez, e pode ver qual era meu conhecimento de filosofia. Quando me retirei, ele me fez recompensar uma quantia em dinheiro, um manto de honra de elevado valor e uma montaria”.

Se acreditamos no mesmo historiador<sup>35</sup>, foi de acordo com o desejo expresso por Iousouf, e confirmado por Abubacer, que Averróis empreendeu seus comentários sobre Aristóteles. “Um dia”, disse Averróis, “Abubacer me chamou e disse: ‘Ouvi hoje o emir dos fiéis reclamando da obscuridade de Aristóteles e de seus tradutores. Ele disse: *Pediria a Deus que houvesse alguém que quisesse comentar sobre esses livros e explicá-los claramente, para fazê-los acessíveis aos homens!* Você tem em abundância tudo o que é necessário para realizar tal trabalho. Conhecendo sua elevada inteligência, sua penetrante lucidez e sua forte aplicação ao estudo, acredito que você seja suficiente. A única coisa que me impede de fazê-lo é a idade em que você me vê, unida às minhas muitas ocupações a serviço do emir’. A partir de então,” acrescentou Averróis, “me voltei de todo a cuidar do trabalho ao qual Abubacer me recomendara, e foi isso que me levou a escrever as análises que escrevi sobre Aristóteles”. É, sem dúvida, a Averróis que Abubacer alude nesta passagem de seu romance filosófico: “Todos os filósofos que seguiram Avempace permaneceram bem abaixo dele. Quanto aos nossos contemporâneos que o sucederam, eles estão se formando e não alcançaram a perfeição, de modo que ainda não podemos julgar seu mérito”<sup>36</sup>.

---

<sup>35</sup> *Ibid.* p. 175.

<sup>36</sup> *Philos, autodid.* Prooem. p. 16 (ed. Pococke, 1671).

Averróis nunca deixou de gozar, sob o reinado de Iousouf, um constante favor e de ocupar os postos mais altos. Em 565 (1169), ele ocupou as funções de kadhi em Sevilha<sup>37</sup>. Em uma passagem de seu comentário sobre o quarto livro do tratado das *Partes dos Animais*, concluído este ano, ele pede desculpas pelos erros que possa ter cometido, porque está muito ocupado com os assuntos da época e distante de sua casa de Córdoba, onde estavam todos os seus livros<sup>38</sup>. É necessário colocar em 567 (1171) seu retorno a Córdoba<sup>39</sup>: é sem dúvida desde então que ele compôs seus grandes comentários. Ele frequentemente reclama da ocupação com assuntos públicos, o que o privava do tempo e da liberdade de espírito necessários para seus trabalhos. No final do primeiro livro de seu *Abrégé de l'Almageste*, ele diz que precisou necessariamente se limitar aos teoremas mais importantes e se compara a um homem que, premido por um incêndio, se salva carregando tão somente as coisas mais necessárias<sup>40</sup>. Suas funções o forçaram a frequentar viagens a diferentes partes do império almorávida. Nós o encontramos às vezes deste lado, às vezes além do estreito, no Marrocos, em Sevilha, em Córdoba, datando seus comentários dessas diferentes cidades. Em 1178, ele escreveu no Marrocos uma parte de *De substantia orbis*; em 1179, ele completou em Sevilha um de seus tratados sobre teologia; em 1182, Iousouf o chamou de volta ao Marrocos e o nomeou seu primeiro médico, substituindo Abubacer<sup>41</sup>; então, lhe conferiu a dignidade de um grande kadhi de Córdoba, a qual seu pai e seu avô possuíram antes dele. Sob o reinado de Iakoub Almançor-billah, o encontramos mais favorecido do que nunca. Almançor gostava de conversar com ele sobre assuntos científicos; ele o fez sentar na almofada reservada para seus favoritos mais íntimos e, na familiaridade dessas conversas, Averróis se permitiu mesmo a dizer ao seu soberano: *Escute, meu irmão*<sup>42</sup>. No ano da hégira 591 (1195), enquanto Almançor se preparava para empreender, contra Alfonso IX de Castela, a expedição que terminou com a vitória de Alarcos,

---

<sup>37</sup> Nós o vemos aparecendo nessa qualidade em uma história de Abd-el-Wahid (ed. Dozy, p. 222).

<sup>38</sup> Munk, *op. cit.* p. 422. Passagem citada por Patrizzini (*Discuss. Perip.* 1 X, f. 94. Venet. 1571). Ele é alterada na edição de Juntet. *Opp.* t. VI, f. 103 vº (ed. 1550).

<sup>39</sup> Para uma discussão dessas datas, ver Munk, *op. cit.* p. 422-423.

<sup>40</sup> Munk, *ibid.*

<sup>41</sup> Tornberg, *Annales regum Mauritaniae*, p. 182; Conde, parte III, cap. XLVII.

<sup>42</sup> De Gayangos supunha que foi Almançor quem, por afeto, deu a Averróis o nome de irmão. Mas a outra interpretação, que é a de Munk, é mais satisfatória.

encontramos com ele o velho Averróis. Ibn-Abi Oceibia narra, com grande detalhe, todos os favores com os quais gozava nessa circunstância, favores que, ao excitar a inveja de seus inimigos, foram sem dúvida a principal causa dos infortúnios que envenenaram os quatro derradeiros anos de sua vida.

Por um daqueles reveses que são a história cotidiana das cortes muçulmanas, Averróis, de fato, perdeu as boas graças de Almançor, que o relegou à cidade de Elisana ou Lucena, perto de Córdoba. Lucena havia sido habitada anteriormente pelos judeus, e essa era sem dúvida a origem da fábula — creditada à Leão, o Africano, e desde então aceita muito facilmente, — que fez o filósofo buscar refúgio com seu suposto discípulo Moisés Maimônides. Ao que parece, seus inimigos chegaram mesmo a tentarem fazer crer que ele era da raça judaica<sup>43</sup>.

Os motivos da desgraça de Averróis deram origem a muitas conjecturas. Alguns a atribuíram à amizade íntima que existia entre o filósofo e Abu-Jahya, governador de Córdoba e irmão de Almançor<sup>44</sup>; outros procuraram a causa por falta de cortesia em relação ao emir dos fiéis. Abd-el-Wahid<sup>45</sup> e Ibn-Abi-Oceibia<sup>46</sup> contam que Averróis, depois de escrever um comentário sobre a história dos animais, disse, falando da girafa: “Vi um quadrúpede desse tipo com o *rei dos Berberes*<sup>47</sup>”, designando Iakoub Almançor. Ele agiu assim, diz Abd-el-Wahid, à maneira de estudiosos, que, quando têm que nomear o rei de um país, dispensam as fórmulas elogiosas empregadas pelos cortesãos e secretários. Mas essa liberdade desagradou Almançor, que considerava a expressão do *rei dos Berberes* (*Melik el-Berber*) um ultraje. Averróis disse para de desculpar que essa expressão teria sido erro de leitura, e que ele havia escrito

---

<sup>43</sup> El-Ansâri, f. 7 do manuscrito (ver o apêndice II). Dozy (*Journ. asiat.*, jul. 1853, p. 90) pensa que os inimigos de Averróis poderiam não estar muito longe da verdade e se baseia nesses dois fatos, 1º que na Espanha quase todos os médicos e filósofos eram de origem judaica ou cristã; 2º que nenhum dos biógrafos de Averróis cita o nome da tribo árabe à qual ele pertencia, que nunca é negligenciada pelos verdadeiros árabes. Observarei, no entanto, que o papel do pai e avô de Averróis é adequado apenas para famílias muçulmanas muito antigas e que a prática da medicina de Averróis remonta apenas à do nosso filósofo.

<sup>44</sup> El-Ansâri, *l. c.*

<sup>45</sup> Ed. Dozy, p. 224-225.

<sup>46</sup> Ver o apêndice III. A mesma história é lida na margem do artigo biográfico de El-Ansâri, mas escrita de outra mão.

<sup>47</sup> Esta passagem está de fato no comentário do cap. 3 do liv. Parte III do *Tratado das Partes de Animais* (Munk, p. 426, nota). Há outra passagem quase idêntica ao final do comentário sobre o livro *De Caelo*, p. 177 (ed. 1560).

*Melik el-Barreyn (rei dos dois continentes)*, significando assim a África e a Andaluzia. Essas duas expressões, de fato, são distinguidas apenas pelos pontos diacríticos.

Outra anedota foi preservada por El-Ansâri<sup>48</sup> sobre a fé do teólogo ter desempenhado o papel principal. Uma predição se espalhou no Oriente e na Andaluzia, segundo a qual, em um determinado dia, haveria um furacão que destruiria a espécie humana<sup>49</sup>. As pessoas estavam muito assustadas e já estavam pensando em fugir para cavernas ou se esconder no subsolo. Averróis era então kadhi de Córdoba. Tendo o governador reunido os instruídos e os homens sérios para consultá-los, Averróis se permitiu examinar a coisa do ponto de vista físico e de acordo com as previsões das estrelas. Um teólogo chamado Abd-el-Kebir, intrometendo-se à conversa, perguntou se ele não acreditava no que é relatado pela tribo de Ad, que foi exterminada dessa maneira. Averróis respondeu de uma maneira que não respeitava muito essa fábula, consagrada pelo Corão. A crítica histórica é o pecado que os teólogos menos perdoam; Os inimigos de Averróis aproveitaram o escândalo causado por essa consulta para apresentar o kadhi tão esclarecido, como herege e descrente.

Abd-el-Wahid, finalmente, relata que os inimigos de Averróis obtiveram um manuscrito autografado de seus comentários e que encontraram ali uma citação de um autor antigo assim conhecido: “O planeta Vênus é uma divindade...” Eles mostraram essa frase a Almançor, isolando-a do que a precedeu e, atribuindo-a a Averróis, encontraram uma oportunidade de fazê-lo parecer um politeísta<sup>50</sup>.

Seja como for, não se pode duvidar que a filosofia tenha sido a verdadeira causa da desgraça de Averróis. Ela lhe fez inimigos poderosos, que suspeitavam da ortodoxia de Almançor<sup>51</sup>. Todos os homens instruídos, cuja

---

<sup>48</sup> Fol. 8 do manuscrito (ver apêndice II).

<sup>49</sup> Esta opinião foi baseada em uma conjunção de planetas que ocorreram em 581 ou 582 da hégira. Ver Defrémery, *Journ. asiat.* jan. de 1849, p. 16 e segg. Ver Michaud, *Bibl. des Crusades*, t. II, 772-773; t IV, p. 209, nota.

<sup>50</sup> Ed. Dozy, p. 224.

<sup>51</sup> Podemos ver vários testemunhos reunidos por El-Ansâri (ver apêndice II) e por Makkari (t. II, p. 125, ed. Dozy, etc.; Gayangos, t.1, p. 198). Compare Ibn-Khaldoun, texto, t. I, p. 329-330; trad., t. II p. 214 (ed. Slane), e em Gayangos, t. II, apên. p. LXVI.

fortuna despertava inveja, estavam sujeitos às mesmas acusações. Almançor, convocando as principais personagens de Córdoba, convocou Averróis e, depois de anatematizar suas doutrinas, condenou-o ao exílio. Ao mesmo tempo, o emir havia despachado decretos às províncias para proibir estudos perigosos e ordenar a queima de todos os livros relacionados a eles. Uma exceção foi feita apenas para medicina, aritmética e astronomia elementar, assim como os necessários para calcular as durações do dia e da noite e para determinar a direção da *kibla*<sup>52</sup>. El-Ansâri preservou para nós todo o texto de uma declamação enfática escrita por Abu-Abdallah Ibn-Ayyasch, secretário do emir, que foi enviado nesta ocasião aos habitantes de Marrocos e às outras cidades do reino<sup>53</sup>. O ódio fanático que foi erigido contra a escola dos pensadores livres pode ser visto em cada linha. É difícil imaginar, de resto, algo mais insignificante e mais insípido do que essa queixa, repetida milhares de vezes em nome de reclamações que não são faltas de ninguém, e seguidamente têm sua causa naqueles que mais se queixam.

A revolução que perdeu Averróis foi, como podemos ver, uma intriga de corte: o partido religioso conseguiu expulsar o partido filosófico. Averróis, de fato, não foi perseguido sozinho; várias figuras consideráveis foram nomeadas, estudiosos, médicos, faquires, kadhis, poetas, que compartilharam de sua desgraça. “A causa do descontentamento de Almançor”, disse Ibn-Abi-Oceibia, “foi que eles foram acusados de dedicar suas horas de lazer à cultura da filosofia e ao estudo dos antigos”. A desgraça dos filósofos chegou a encontrar poetas para cantá-la. Muitos versículos foram feitos sobre esse assunto. Um certo Aboul-Hosein Ibn-Djobeir, exalou particularmente seu rancor contra Averróis em alguns epigramas tortos<sup>54</sup>, cujo *concetti*, sem dúvida, pareceu muito agradável à canalha triunfante<sup>55</sup>.

“Agora Averróis, nada mais certo de que suas obras são coisas perniciosas. Você que enganou a si mesmo, veja se hoje encontra um só homem que queria ser seu amigo!

---

<sup>52</sup> Abd-el-Wahid, ed. Dozy, p. 224-225. — De Hammer, *Journal asiat.* fev. 1848, p. 196, e *Literaturyeshichte der Araber*, I Abth. I Band. p. CIV e segg.

<sup>53</sup> Ver apêndice II.

<sup>54</sup> Ms. supl. ar. n° 682, f. 8-9. Ver apêndice II.

<sup>55</sup> Eles foram publicados e traduzidos por Munk, *op. cit.* p. 427-428 e 517.

“Você não permaneceu na *boa via*, ó filho da *boa via*<sup>56</sup>, quando tão alto no século forçou seus esforços. Você foi um traidor da religião; não foi assim que seu ancestral agiu.

“O destino desbaratou todos esses falsificadores que misturam filosofia com religião e que defendem a heresia. Eles estudaram lógica<sup>57</sup>; mas foi dito com razão: O infortúnio é confiado à palavra.”

A desgraça de Averróis, no entanto, não foi duradoura: uma nova revolução trouxe os filósofos de volta. Almançor, ao voltar para Marrocos, cancelou todos os decretos que ele havia erigido contra a filosofia, voltou a aplicar-se a ela com ardor e, no caso de figuras cultas e consideráveis, chamou Averróis e seus companheiros de infortúnio<sup>58</sup>. Abou-Djafar Al-Dhahabi, um deles, foi encarregado de cuidar dos escritos dos médicos e filósofos da corte.

O relato da desgraça de Averróis é acompanhado em Leão, o Africano<sup>59</sup>, com detalhes pueris acerca dos truques que seus inimigos usavam para desmascarar sua heresia e sobre as circunstâncias humilhantes de sua retratação e exílio. Essas notas não parecem autênticas o suficiente para serem relatadas aqui. Não acredito, porém, que Leão as tenha inventado; ele as havia lido em algum autor árabe, e não se pode negar que várias das características que ele relata lembram as histórias de El-Ansâri. Averróis, assegura o último, costumava dizer que o teste mais doloroso que ele teve que sofrer em sua desgraça foi que, tendo entrado na grande mesquita de Córdoba com seu filho Abdallah, ele se viu expulso escandalosamente pelas pessoas comuns. Quase todos os seus discípulos lhe foram infieis; eles deixaram de invocar sua autoridade; os mais ousados tentaram provar que suas opiniões não eram tão contrárias às crenças de um bom muçulmano<sup>60</sup>. Um erudito oriental, Tadjeddin Ibn-Hamaweih, que visitou o Magreb naquela época, procurou vê-lo,

---

<sup>56</sup> Jogo de palavras sobre o nome de *Averróis*.

<sup>57</sup> Vemos aqui o trocadilho baseado na ambiguidade da palavra “lógica”, ambiguidade que ocorre em árabe e em grego. Eu renuncio a apontar os trocadilhos contidos, coisa que foi feita em outras obras. Ver Munk, *l. c.*

<sup>58</sup> Ibn-Khaldoun, *l. c.* Ibn-el-Abbar (Ver apêndice I).

<sup>59</sup> Apud Fabr. *Bibl. gr.* t. XIII, p. 285-287. — Cf. Bayle, Dict. art. *Averroès*, nota M; — Brucker, *Hist. crit. phil.* t. III, p. 100-101.

<sup>60</sup> El-Ansâri (apêndice II). Cf. Munk, *op. cit.* p. 427.

mas ele não teve sucesso, tão severa foi a reclusão em que vivia o filósofo exilado<sup>61</sup>.

Averróis mal sobreviveu ao seu retorno. Ele morreu no Marrocos, em uma idade muito avançada, na quinta-feira 9 de safar<sup>62</sup> no ano do hégira 595 (10 de dezembro de 1198). Esta é a data precisa dada por El-Ansâri. Ibn-Abi-Oceibia também coloca a morte de Averróis no início do ano 595. Mas ele se contradiz quando afirma que Averróis era a favor de Mohammed-Annassir, que sucedeu a Iakoub-Almançor no dia 22 do primeiro rebi do ano 595 (2 de janeiro de 1199)<sup>63</sup>, e especialmente quando colocou o retorno de Averróis sob Almançor, no mesmo ano 595. Ibn-Arabi, que foi testemunha de seu funeral, Jafei, Mohammed ben-Ali de Xativa e, em geral, os analistas muçulmanos, também afirmam o ano de 595<sup>64</sup>. Abd-el-Wahid e Al-Dhahabi divergem muito pouco dessa cronologia: eles colocam a morte do comentarista no final do ano 594<sup>65</sup>, ou seja, em agosto ou setembro de 1198. Somente Leão, o Africano, a move de volta para o ano de 1206<sup>66</sup>. El-Ansâri nos diz que Averróis foi enterrado em Marrocos, no cemitério localizado fora do pórtico de Tagazout, mas depois de três meses seu corpo foi transportado para Córdoba, onde foi colocado no mausoléu de sua família, no cemitério de Ibn-Abbas<sup>67</sup>. Ibn-Arabi, de fato, diz que viu no Marrocos carregarem seu cadáver com uma besta de carga para transportá-lo para Córdoba<sup>68</sup>. Leão, o Africano, afirma, por outro

---

<sup>61</sup> Dhéhébi, *Bibl. imp. anc. fonds ar. n° 753*, fol. 81. (Ver o apêndice IV) Ibn-Hamaweih acrescentou que Averróis morreu nesse estado de catividade. Isso é certamente um erro.

<sup>62</sup> Uma autoridade citada por Ibne Alabar coloca esse evento no mês do rebi primeiro do mesmo ano.

<sup>63</sup> Ibne Alabar disse que Averróis morreu cerca de um mês antes de Almançor, o que é correto. (Ver apêndice I).

<sup>64</sup> Jafei, *ms. anc. fonds ar. n°644*; f. 141 ; — Mohammed ben Ali, *anc. fonds ar. n° 616*, fol. 184, ver Ibn-el-Abbar refuta outra opinião errônea sobre esta mesma data.

<sup>65</sup> Abd-el-Wahid, ed. Dozy, p. 223; Dhéhébi, apêndice IV.

<sup>66</sup> Reinesius, Pococke, d'Herbelot colocam para 1198. Moréri, Antonio, de Rossi seguiram Leão, o Africano. Hottinger, depois de uma conversão falha dos anos da hégira em anos vulgares, situa a morte de Averróis em 1225. Foi imitado por Middeklorpf. Os outros postularam a mercê da sorte; assim Tennemann coloca em 1217 ou 1225; Sprengel, em 1217; Bartolucci, em 1216. — Os autores mais antigos, que não tinham outro ponto de referência além da história de Giles de Roma sobre os filhos de Averróis, seguiram uma cronologia ainda mais incerta. Pierre d'Abano (*Concil. Controv.* f. 14 vº, Venet. 1565). Patrízzi (*Discuss. Perip.* t. I, 1. X, f. 94. Venet. 1671), Pagi (*ad Baronium*, ann. 1197, n° 11) só preocupou-se em aproveitar as datas contidas nas assinaturas dos tratados.

<sup>67</sup> Ibn-el-Abbar diz quase a mesma coisa. Cf. Mohammed ben-Ali de Xativa (n° 616, *anc. fonds*) *l. c.*

<sup>68</sup> Fleischer, *Codd. arab. Lips.* p. 492.

lado, ter visto sua tumba e seu epitáfio em Marrocos, perto do pórtico de Corroyeurs<sup>69</sup>.

Averróis deixou vários filhos, alguns dos quais se dedicaram ao estudo da teologia e jurisprudência, e se tornaram kadhis de cidades e distritos. Um deles, Abou-Mohammed Abdallah, era um praticante bastante famoso. Ibn-Abi-Oceibia deu sua biografia, na sequência da de seu pai<sup>70</sup>. Ele foi médico de Annassir e escreveu um livro sobre o *método terapêutico*. Todas essas circunstâncias dificilmente dão crédito à história de Gilles de Roma sobre a permanência dos filhos de Averróis na corte de Hohenstaufen<sup>71</sup>.

Ibn-Beithar e Abd-el-Melik Avenzoar morreram quase no mesmo ano. Abou-Merwan Avenzoar e Abubacer já estavam mortos há algum tempo. Assim, toda a plêiade filosófica e científica da Andaluzia e do Magrebe desapareceu quase simultaneamente nos últimos anos do século XIII. O historiador dos almorávidas, Abd-el-Wahid<sup>72</sup>, visitando o Magrebe no ano 595 (1198-99), encontrou ainda vivo, mas muito avançado em idade, o sobrinho Abou-Bekr Avenzoar, que recitava fragmentos de seus poemas. Em 603 (1206-7), conhece em Marrocos o filho de Abubacer, que repetia vários poemas compostos por seu pai. Vivemos apenas de lembranças e de tradições, dia a dia enfraquecidas, do passado.

---

<sup>69</sup> Apud Fabr. t. XIII, p. 288.

<sup>70</sup> Ms. sup. ar. nº 673, f. 203.

<sup>71</sup> Veja abaixo, segunda parte, cap. II, § 14.

<sup>72</sup> *The History of the Almohades*, ed. Reinhart Dozy (Leyde, 1847). Prefácio, p. VI.